

O MODELO BILINGÜE/BICULTURAL NA EDUCAÇÃO DO SURDO

*Lorena Kozlowski**

Introdução

Falar sobre educação de crianças surdas não é um assunto fácil. Estamos ainda hoje longe de manter um rigor científico exemplar sobre o assunto.

É um problema complexo que se coloca em diferentes níveis. Nem sempre se faz uma clara distinção entre os aspectos metodológicos e as finalidades de ação e opções filosóficas, sociológicas ou políticas.

A educação de crianças surdas se desenvolveu em diferentes direções, sendo importante verificar os benefícios e os inconvenientes dentro de cada uma delas, em função das características das próprias crianças.

A questão central é encontrar uma maneira de comunicação com a criança surda. O canal auditivo é insuficiente ou impraticável. É necessário, pois, encontrarem-se 'paliativos' a esta carência. Esse constitui o objetivo primeiro

* Fonoaudióloga Clínica. Professora adjunta do departamento de Fonoaudiologia da PUC-PR; diretora do Centro de Audição e Linguagem; especializada em deficiência auditiva da criança pela Université de Médecine de Besançon (França); doutora em ciências da linguagem pela Université de Sorbonne (França).

do ensino do surdo. A escolha dos meios está diretamente ligada a uma opção teórica subjacente, seja esta claramente expressa ou não.

As opções teóricas situam-se entre dois extremos: o oralismo puro e a posição gestualista.

A evolução atual tende para uma síntese e uma abrangência dessas duas tendências sob a forma de diferentes filosofias, como o bilingüismo e a comunicação total.

Porém, a comunicação não é o único aspecto a ser considerado na educação da criança surda, já que esta deve ser considerada como um indivíduo em todos os sentidos.

A reflexão deve situar-se igualmente no nível de técnicas de ensino de matérias pedagógicas e de princípios educativos gerais, como por exemplo a inserção ou não dessas crianças em escolas e/ou classes especiais.

Essas questões podem ser esclarecidas, em parte, pela opinião de adultos surdos que podem testemunhar suas experiências e necessidades vividas. Infelizmente, a participação dos surdos adultos só passou a ser solicitada há pouco tempo.

Nós sabemos que, quanto mais precoce é o trabalho com a criança e a família, melhor será a adaptação dos pais à diferença que seu filho apresenta diante das crianças normais e maiores chances terá a criança de se desenvolver de forma equilibrada.

Resta, porém, identificar qual a melhor forma de trabalho a ser realizada com o conjunto criança deficiente auditiva/família.

É nesse sentido que tentaremos aqui definir uma estratégia de trabalho, abordando as diferentes linhas adotadas ao longo da história da educação dos surdos.

O Debate Oralismo *versus* Gestualismo

A posição oralista restrita se define como aquela que aceita a linguagem oral como única e exclusiva.

A criança surda é treinada a desenvolver seus resíduos auditivos, aprendido da leitura labial e é encorajada a usar a fala para se comunicar.

Isso é realizado por meio de um trabalho de 'demutização', quer dizer, um trabalho sistemático de educação da articulação.

Os argumentos que apóiam esta orientação pedagógica se baseiam no fato de que a criança surda deve adquirir uma linguagem oral a mais desenvolvida possível para que desta forma possa integrar-se de forma eficaz no universo auditivo-oral dos ouvintes.

Toda exposição à comunicação gestual é proibida à criança surda.

Os defensores da posição gestualista pura (que raramente é utilizada em sua forma radical) propõem à criança surda desde a infância um meio de comunicação visuomanual, que lhe é facilmente acessível.

Essa escolha e a necessidade de colocar a criança precocemente dentro de um contexto comunicativo rico e estimulante são justificadas nos primeiros anos de vida pelos psicólogos do desenvolvimento.

É necessário fornecer à criança surda um meio de comunicação eficaz para que seu desenvolvimento seja o mais próximo possível ao da criança ouvinte, mesmo que ela execute outra modalidade comunicativa.

Se concordamos que não há nenhuma razão para educar a criança surda dentro de uma modalidade oral pura, não vemos também nenhuma razão para que haja uma prática única e isolada da linguagem gestual.

Histórico da Educação do Surdo

Para compreendermos um pouco mais este 'pêndulo oral *versus* gestual', seria interessante analisarmos a história da educação dos surdos.

É na Espanha do século XVI que encontramos os primeiros educadores de surdos.

O primeiro desses professores foi Ponce de Léon (1520-1584). Infelizmente temos poucos dados sobre os seus métodos de educação, já que a tradição na época era de guardar segredo sobre os métodos educativos utilizados.

Em 1620, Bonnet publica o primeiro livro sobre educação de surdos, que consiste no aprendizado do alfabeto manual e na importância da intervenção precoce. Ele insistia em que as pessoas envolvidas com uma criança surda fossem capazes de utilizar o alfabeto manual.

Em 1756, Abbé de L' Epeé cria em Paris a primeira escola para surdos com uma filosofia manualista e oralista.

Foi a primeira vez na história que os surdos adquiriam o direito a uma língua própria.

Heinicke (1723-1790), na Alemanha, começa as bases da filosofia oralista, em que um grande valor é atribuído à fala.

Nos EUA os grandes representantes da educação de surdos são Edward Miller Gallaudet (1837-1917), como o principal representante manualista, e Alexander Graham Bell (1847-1922), o inventor do telefone e do audiômetro, representante do método oralista.

No ano de 1880, no Congresso Mundial de Surdos em Milão, que reuniu surdos da Europa e dos EUA, definiu-se uma nova corrente na educação dos surdos: a oralista.

A linguagem de sinais, em todas as suas formas, foi então proibida e estigmatizada.

O domínio da língua oral pelo surdo passou a ser uma condição *sine qua non* para a aceitação dentro de uma comunidade majoritária.

Durante quase cem anos existiu o então chamado 'império oralista', e foi em 1971, no Congresso Mundial de Surdos em Paris, que a língua de sinais passou a ser novamente valorizada.

Nesse congresso foram também discutidos resultados de pesquisas realizadas nos EUA sobre 'comunicação total'.

No ano de 1975, por ocasião do Congresso seguinte, realizado em Washington, já era evidente a conscientização de que um século de oralismo dominante não serviu como solução para a educação de surdos.

A constatação de que os surdos eram subeducados com o enfoque oralista puro e de que a aquisição da língua oral deixava muito a desejar, além da realidade inquestionável de que a comunicação gestual nunca deixou de existir

entre os surdos, fez com que uma nova época se iniciasse dentro do processo educativo dos surdos.

Os trabalhos de Danielle Bouvet, em Paris, publicados em 1981, e as pesquisas realizadas na Suécia e Dinamarca, na mesma época, introduzem o enfoque bilingüe na educação do indivíduo surdo.

Sistemas de Comunicação Gestual

Quando falamos em comunicação gestual é imperioso fazermos a distinção entre os diferentes sistemas de comunicação gestual existentes.

Faremos, portanto, uma breve definição desses sistemas.

– *Língua de sinais*: são sistemas de sinais independentes das línguas faladas. Contrariamente a uma idéia preconcebida, não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente.

As línguas de sinais praticadas nos diferentes países diferem umas das outras. No Brasil temos a Libras (Língua Brasileira de Sinais); nos EUA utiliza-se a ASL (American Sign Language); e na França a LSF (Langue de Signes Français).

Existem também, como para as línguas orais, dialetos ou variabilidade regional dos sinais.

A língua de sinais tem uma estrutura própria. Um sinal gestual remete a um conceito, não existindo uma correspondência termo a termo com a língua oral.

A língua de sinais é uma língua de dimensão espacial e corporal.

– *Linguagens sinalizadas*: utilizam um léxico gestual, emprestando a organização gramatical das linguagens orais correspondentes. Um exemplo é o ‘português sinalizado’. Existe também o SE (Signed English), o FS (Français Signé) etc.

Esses sistemas, criados artificialmente, exploram menos possibilidades que as línguas gestuais que se desenvolvem com base nas dimensões espaciais e corporais.

– *Alfabeto dactilológico* (ou alfabeto manual): é um sistema gestual em que cada letra do alfabeto escrito corresponde a uma configuração particular da mão e dos dedos. Esse sistema utiliza, na realidade, uma escrita no espaço.

Quando queremos ‘escrever’ uma palavra, a mão realiza as configurações que correspondem às letras das palavras, de forma seqüenciada.

– *Sistemas de auxílio à leitura orofacial*: dentro de sistemas de sinais como a Libras e o ‘português sinalizado’, os gestos correspondem a conceitos próprios ou palavras da língua oral. Nos sistemas de auxílio à leitura labial, os gestos não têm razão de existir sem a fala. Eles têm por objetivo facilitar a leitura labial. Estes sistemas são inscritos dentro de uma perspectiva oralista.

Como exemplo desses sistemas, podemos citar o Cued Speech e o AKA (Alphabet des Kinémes Assistés).

O Modelo Bilingüe

Quando falamos de bilingüismo no campo da educação dos surdos, estamos nos referindo à existência de duas línguas no ambiente do surdo e estamos, ao mesmo tempo, reconhecendo que os surdos vivem numa situação bilingüe.

Quando falamos de bilingüismo do surdo, estamos nos referindo à língua oral da comunidade ouvinte (no caso do Brasil, o português) e à língua de sinais da comunidade surda (a Língua Brasileira de Sinais – Libras).

As pesquisas recentes no campo da educação do surdo (Drasgow, 1993) mostram a tendência para a educação bilingüe/bicultural da criança surda, na qual a língua de sinais é considerada a primeira língua da criança surda, e a língua oral a segunda língua.

Essa estratégia educativa é sugerida pelas seguintes bases:

– reconhecimento recente de que a língua de sinais usada pela comunidade surda é uma língua verdadeira com itens lexicais, morfologia, sintaxe e semântica;

– diferentes pesquisas mostram que a criança surda exposta à língua de sinais adquire esta língua da mesma forma que a criança ouvinte adquire uma língua oral.

A implantação de um programa bilingüe para indivíduos surdos, tendo a língua de sinais como primeira língua e uma língua oral como segunda língua, não é simples. Vários modelos bilingües existem.

Um dos modelos mais conhecidos é o modelo utilizado na Suécia e na Dinamarca. Na Suécia, desde 1981, o bilingüismo faz parte da legislação nacional de educação do surdo. Na Dinamarca a educação bilingüe é voluntária, porém apoiada e oferecida pelo setor educacional público.

As crianças surdas aprendem a Língua de Sinais Sueca (SSL) ou a Língua de Sinais Dinamarquesa (DSL) na pré-escola, por meio de uma exposição a surdos adultos.

O que é focado na pré-escola é uma rica experiência de aprendizagem, mais do que uma educação formal na língua falada e na língua gestual sueca ou dinamarquesa.

Os pais ouvintes das crianças surdas têm também a oportunidade de aprender a língua de sinais.

A introdução à língua escrita ocorre depois que a língua de sinais é de certa forma adquirida, sendo que esta língua é a utilizada para se ensinar a escrita.

Nesses dois países existe um suporte governamental para a educação bilingüe do surdo, o que facilita sua aceitação e viabiliza o programa.

Na Venezuela, Uruguai e Argentina, programas bilingües existem e atingem um bom nível de desenvolvimento. Na Venezuela, como na Suécia, existe um programa bilingüe/bicultural com suporte governamental.

Nos Estados Unidos também existe uma tendência bilingüe generalizada.

No Brasil, em 1990, um projeto piloto começou a ser desenvolvido em Curitiba, sob nossa direção, no Centro de Audição e Linguagem (Ceal), com um grupo de dez crianças surdas. Este programa tem a língua de sinais como a primeira língua e a língua oral como a segunda língua. Hoje esse programa possui um número grande de crianças, com envolvimento de vários profissionais, ouvintes e surdos. Os resultados têm sido muito satisfatórios, e o Centro conta hoje com várias crianças bilingües.

Diferença Sutil entre Comunicação Total e Bilingüismo

Nesse ponto, vale a pena salientar a diferença existente entre 'comunicação total' e 'bilingüismo'.

Para certos autores, a comunicação total implica a utilização simultânea da linguagem oral e gestual. Para outros, seria o emprego de diversas formas de comunicação disponíveis, sem a preocupação particular pela sua hierarquização.

Dessa forma, são utilizadas: a fala, a leitura labial, a língua de sinais, o português sinalizado, o alfabeto manual, a audição residual, a leitura e a escrita dentro de diferentes circunstâncias e contextos.

O uso simultâneo das línguas de sinais e das orais seria um 'bimodalismo', isto é, o uso concomitante de duas línguas de modalidades diferentes. A comunicação total, portanto, é uma filosofia bimodal.

Atualmente esta filosofia educacional vem sofrendo muitas críticas (Brito, 1993).

A abordagem bilingüe pretende que ambas as línguas, a gestual (Libras) e a oral (português), sejam ensinadas e usadas diglossicamente, sem que uma interfira e/ou prejudique a outra.

Portanto, as duas línguas seriam utilizadas em situações diferentes.

Isso exige, então, que no processo de educação da criança surda existam, obrigatoriamente, um profissional ouvinte, que seria responsável pela língua da comunidade ouvinte, e um profissional surdo responsável pela transmissão da cultura dos surdos e da língua de sinais.

Conclusão

O objetivo de uma educação bilingüe/bicultural é permitir aos indivíduos surdos um acesso completo a uma língua natural (a de sinais), que permite uma aquisição normal da linguagem nesta primeira língua.

O primeiro passo para a implementação de um modelo bilingüe/bicultural é a aceitação da língua de sinais como uma língua verdadeira e completa.

Aceitando-se a língua de sinais, aceitamos a cultura da comunidade surda.

Os surdos possuem sua própria cultura, que deve ser reconhecida e respeitada, por isso qualquer programa bilingüe/bicultural deve ser um componente dessa cultura.

No passado, a linguagem da comunidade surda, a língua de sinais, foi desvalorizada, afetando o desenvolvimento dos próprios surdos, e essa postura é hoje rechaçada com vigor pelos principais movimentos de surdos em todo o mundo.

A exposição de crianças surdas à cultura surda transmite a idéia de que a surdez é uma diferença e não uma deficiência.

Podemos concluir este trabalho com uma citação da lingüista Lucinda Ferreira Brito (1993):

Como se sabe, a língua, além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda.

O problema das minorias lingüísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação de sua língua materna, mas sobretudo a privação de sua identidade cultural.

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um modelo de educação adotado por muitos países ao redor do mundo concernente a pessoas portadoras de deficiência auditiva.

A educação bilingüe/bicultural refere-se à exposição do indivíduo surdo a dois ambientes lingüísticos: o gestual e o oral.

Por este enfoque educativo, o desenvolvimento lingüístico e cognitivo estariam sendo garantidos pela língua de sinais, considerada como primeira língua.

A segunda língua, oral ou escrita, seria responsável pela integração do indivíduo surdo no 'mundo dos ouvintes'.

É de fundamental importância a exposição do deficiente auditivo a uma cultura surda.

Abstract

The purpose of this paper is to present an education model adopted by most of the countries in the world for hearing impaired persons.

The bilingual/bicultural education of deaf refers to his/her early exposure to two different linguistic environments: the gesture and the oral.

This way, both the linguistic and the cognitive development would be assured through the sign language, considered to be the first language. A second language oral and/or written would be responsible for deaf's 'integration' to the hearing world.

The need for hearing impaired exposure to deaf's culture is also enhanced.

Referências Bibliográficas

- BRITO, L.F. (1993). *Integração social e educação de surdos*. Babel Editora.
DRASGOW, E. (1993). Bilingual/bicultural deaf education: an overview. *Sign Language Studies*. (80): 243-266.

Recebido em mar/95; aprovado em out/95.